

RIO

Um ano letivo que nunca começa

Segundo professor, 250 mil crianças entre 7 e 14 não irão à escola este ano no estado

Marco Antônio Teixeira

Nívia Carvalho

• Nem este ano Carlos Luiz da Silva, de 10 anos, frequentará uma escola. O ritmo de férias não será alterado a partir de amanhã, quando tem início o ano letivo. Carlos continuará jogando bola ou soltando pipa na Praça da Apoteose, uma zona árida do bairro pobre de Vila São Luiz, em Duque de Caxias. Não estará sozinho: Washington, de 12 anos, e Rafael, de 11, vão com ele para o campo de futebol, já que também não estão matriculados. Apesar de Rafael ter cursado até a 2ª série e Washington a 3ª, os três têm algo em comum: não sabem ler nem escrever. Os três amigos integram a legião de 250 mil crianças, com idades entre 7 e 14 anos, que ficarão fora da escola este ano no Estado do Rio, segundo o professor Ib Teixeira, da Fundação Getúlio Vargas.

Na verdade, Carlos não engrossa esta ou qualquer outra estatística. Só mesmo sua mãe — que não o registrou — e os quatro irmãos sabem que ele existe e seu nome é Carlos. Até mesmo seus amigos o chamam de Negão, um apelido que, se tem alguma justificativa, está presa à cor escura de sua pele e não à sua mirrada constituição física. De acordo com Teixeira, quatro fatores são responsáveis pela existência de crianças fora das salas de aula: desinteresse da família em matricular os filhos, falta de vagas, distância entre a casa e a escola e a repetência.

— Isso é dramático. Em números absolutos, temos mais analfabetos hoje do que no início do século — diz Teixeira.

Em todo o país, um milhão de crianças fora das salas de aula

Teixeira chegou ao número de crianças sem escola após cruzar projeções de dados populacionais do IBGE com as informações do censo escolar, recentemente concluído pelo Governo federal. Segundo ele, só na rede municipal seria preciso construir 200 novas escolas. Os dados ainda não são conclusivos — o último censo populacional só ficará pronto em março — mas técnicos da Secretaria de Informação e Avaliação Educacional (Sediae) do Ministério da Educação estimam que, em todo o país, um milhão de crianças entre 7 e 14 anos estarão fora da escola este ano, quando 27,4 milhões foram matriculadas no ensino fundamental. Projeções feitas pela Secretaria estadual de Educação do Rio acusam um déficit de 15% de vagas no Primeiro Grau. A rede estadual de ensino ofereceu 99 mil vagas este ano, da 1ª à 8ª séries, mas ainda é pouco, reconhece a coordenadora-geral de assuntos municipais, Sônia Scudese:

— Para atender à demanda, a oferta de vagas tem de continuar crescendo nos próximos cinco anos.

Em Duque de Caxias, onde moram Carlos, Washington e Rafael, 120.462 crianças estão matriculadas em escolas de Primeiro Grau, mas 23 mil continuam à espera de uma vaga, segundo a Secretaria de Educação. Sônia reconhece que é preciso racionalizar a utilização da rede e afirma que o atual Governo se esforça para impedir a existência de vagas ociosas em algumas escolas. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação determina que todas as crianças entre 7 e 14 anos de idade estejam matriculadas.

Robson de Souza Gregório tem 14 anos. Saiu da escola — a terceira em sua curta vida escolar — no ano passado com os mesmos conhecimentos que tinha quando entrou. Mal sabe escrever seu nome. Sentado numa praça próxima de sua casa, também em Duque de Caxias, na hora em que segura a caneta e apóia o caderno nas pernas para escrever, não esconde o nervosismo: usa quatro dedos para segurar a caneta e morde a língua. Faz as primeiras três letras e troca o lugar das três últimas. Fica irritado e diz que não vai conseguir.

— Eu não gostava da escola porque os meninos implicavam comigo, porque



RAFAEL (À ESQUERDA), Washington e Carlos num campinho de futebol em Caxias: o ano letivo começa amanhã, mas eles, que não sabem ler ou escrever, não estão matriculados

PANORAMA DA EDUCAÇÃO

Na rede municipal:

Evasão:	2,78% em 1996
Repetência:	19%
Novas vagas:	123.600
Número de escolas:	1.033
Falta de professor:	16 (da 1ª à 4ª séries) e 104 (da 5ª à 8ª séries)
Alunos vindos da rede privada:	12.774

Na rede estadual:

Novas vagas:	99.389
Matriculados:	628.375 no Primeiro Grau
Exonerados a pedido em 1996:	3.474 servidores.
Crianças fora da escola:	250 mil

eu chupava dedo. Aí eu dava uns cascos deles; às vezes também apanhava — conta.

A mãe, Manoelita de Souza Gregório, de 41 anos, diz que não agüentava mais ser chamada na escola pela diretora, que sempre queixava-se do “mau gênio” de Robson:

— Tirei meu filho da escola mas me arrependi. Sem ir à aula, ele se juntou a uma turminha do bairro e já estava até fumando. Mas agora ele me prometeu. Vai ser um bom filho novamente — diz a manicure, que sustenta os três filhos com uma renda mensal de apenas R\$ 120.

Leonardo, o filho de 8 anos, também não está matriculado. Manoelita não tem quem possa pegá-lo na escola no final da tarde. Renata, de 4 anos, fica com a avó. Robson diz que gostaria de voltar a estudar.

— Eu sei que sem estudo eu não consigo um bom emprego. E se por sorte conseguir um, não terei aumento de salário.

Tem razão. A experiência do menino da Baixada Fluminense, que já trabalhou numa oficina mecânica como ajudante de eletricista, encontra correspondência nas pesquisas feitas por técnicos do Primeiro Mundo: cada ano de escolaridade eleva em 15% o nível salarial do trabalhador. O Brasil, segundo dados da Organização das Nações Unidas, citados por Teixeira, é um dos países que menos investem em educação. O baixíssimo investimento traz consequências desastrosas para o mercado de trabalho, diz o professor da Fundação Getúlio Vargas. Pela sua estimativa, 60% da força de trabalho no país não têm o Primeiro Grau completo.

Robson é prova de que conseguir uma vaga numa escola pública não garante a permanência no colégio. A repetência — e, muitas vezes a consequente evasão — preocupa a secretária municipal de Educação, Carmem Moura:

— O índice de repetência ainda chega a 19%. É preciso desenvolver projetos para reter o aluno na escola. Mas os governos têm encontrado dificuldade até para reter o professor. A adesão ao programa estadual de exonerações incentivadas é uma clara demonstração do descontentamento do magistério, especialmente por causa dos baixos salários: do total de 9.898 pedidos, 6.284 eram de servidores da Secretaria estadual de Educação. O subsecretário Álvaro Crispino garante, no en-

tanto, que não faltará professor este ano na rede estadual, cujas aulas começam em 3 de março:

— Todos os concursados serão chamados. Vamos manter os alunos na escola, e a escola, com professor. Depois dou um jeito de a escola ser boa.

Segundo ele, este ano o Governo estadual vai propor medidas concretas para aumentar o salário dos professores, que recebem R\$ 221 mais abono de R\$ 115. A secretária Carmem Moura afirma que a melhoria dos salários dos professores é um dos principais desafios que enfrentará este ano:

— Com o fim do recesso parlamentar, voltaremos a discutir na Câmara dos Vereadores o plano de cargos e salários. O projeto de lei votado pelos vereadores no ano passado (que aumentava o piso do professor para R\$ 500) foi considerado inconstitucional pelo ex-prefeito César Maia, porque inviabilizaria o orçamento municipal. Vamos agora vencer este impasse. E não discutiremos o assunto apenas com os vereadores. Queremos levar a discussão aos sindicalistas e às associações de pais.

De acordo com o dossiê elaborado pelo Sindicato Estadual dos Profissionais de Educação (Sepe), até novembro

do ano passado, 1.709 professores entraram com pedido de exoneração na rede municipal de educação. Diariamente, cerca de 7 professores pediam para deixar a sala de aula. Outros 2.355 se aposentaram, também até novembro do ano passado:

— Num contexto em que a demanda de matrículas no setor público se torna cada vez maior, também por causa da migração de alunos da rede privada para a pública, a falta de professor e pessoal de apoio acarreta problemas sérios para o funcionamento das escolas e o rendimento escolar dos alunos — afirma Alcebiades Teixeira, do Sepe.

O censo educacional de 1996 mostra o êxodo de alunos da pré-escola e do Primeiro Grau das escolas particulares para as públicas: as matrículas em escolas particulares caíram 7,9% em apenas um ano (95/96).

Carmem Moura, que assumiu este ano a Secretaria municipal de Educação, não afasta a possibilidade de contratar temporariamente professores aposentados para suprir a carência. A pedido da secretária, o prefeito Luiz Paulo Conde autorizou a prorrogação do concurso realizado em 1994 (e válido por dois anos) na tentativa de diminuir o problema:

— Talvez assim consigamos resolver o problema da carência de professores de língua portuguesa, mas a falta dos 53 professores de matemática vai perdurar — afirma Carmem Moura.

A existência de vagas ociosas é reconhecida pelas duas secretarias, no entanto, os números não são divulgados. A construção de escolas em áreas onde não foi considerada a demanda deixou prédios pouco utilizados, especialmente os erguidos na beira das estradas. Mas há outro problema: em agosto do ano passado, a então secretária municipal de Educação, Regina de Assis, afirmou que eram 13 mil as vagas não preenchidas. A principal causa era a localização das escolas em áreas controladas pelo tráfico de drogas. ■